



---

35

ANOS



amor  
mais que  
maiúsculo

ana  
cristina  
cesar

cartas a  
luiz augusto



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2022 by herdeiros de Ana Cristina Cesar e Luiz Augusto Ramalho

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e projeto gráfico*

Elisa von Randow

*Estabelecimento de texto*

Rachel Valença

*Transcrição das cartas*

Equipe de Literatura do Instituto Moreira Salles: Bruno Cosentino, Elizama Almeida, Gustavo Zeitel (estagiário), Jane Leite, Katya de Moraes, Manoela Purcell Daudt d'Oliveira, Rachel Valença (supervisão) e Tamires Kahil

*Notas de contexto e traduções*

Erico Melo

*Preparação*

Ana Lima Cecilio

*Revisão*

Adriana Bairrada

Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cesar, Ana Cristina, 1952-1983.

Amor mais que maiúsculo : cartas a Luiz Augusto / Ana Cristina Cesar. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2022.

ISBN 978-65-5921-192-0

1. Augusto, Luiz 2. Cartas brasileiras 3. Cesar, Ana Cristina, 1952-1983 – Correspondência 4. Escritoras brasileiras – Correspondência I. Título.

22-105768

CDD-B869.6

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Cartas : Literatura brasileira B869.6

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

## sumário

- 11 **nota a esta edição**
- 13 **destinatário: luiz** — *Luiz Augusto*
- 22 **para todos nós** — *Flavio Lenz e Luis Felipe Cesar*
- 30 **nota sobre o estabelecimento de texto**  
— *Rachel Valença*
  
- 39 *Carta* — 19/8/69
- 47 *Cartão-postal* — 19/8/69
- 48 *Cartão-postal* — 20/8/69
- 49 *Cartão* — 21/8/69
- 50 *Carta* — sem data
- 54 *Carta* — 26/8/69
- 55 *Cartão-postal* — 26/8/69
- 56 *Carta* — 1/9/69
- 57 *Carta* — 5/9/69
- 65 *Carta* — 7/9/69
- 71 *Carta* — 12 a 14/9/69
- 76 *Carta* — 15/9/69
- 81 *Carta* — 18/9/69
- 89 *Carta* — 24 a 28/9/69
- 92 *Carta* — 2/10/69
- 96 *Carta* — 3/10/69
- 100 *Carta* — 10/10/69
- 105 *Carta* — 19 a 25/10/69
- 113 *Cartão* — 27/10/69
- 114 *Carta* — 27/10/69
- 118 *Carta* — 28/10/69
- 123 *Cartão-postal* — 29/10/69

- 124 *Carta* — 1/11/69  
127 *Carta* — 3/11/69  
130 *Carta* — 7/11/69  
134 *Carta* — 11/11/69  
141 *Carta* — 14/11/69  
148 *Carta* — 21/11/69  
154 *Carta* — sem data  
159 *Carta* — 28 a 30/11/69  
166 *Cartas* — 6-7/12/69  
173 *Carta* — 9/12/69  
177 *Carta* — 12/12/69  
179 *Carta* — 17/12/69  
180 *Impresso* — 22/12/69  
181 *Cartas* — 22-3/12/69  
185 *Carta* — 27/12/69  
190 *Cartão-postal* — 1/70  
191 *Cartão-postal* — 1/70  
192 *Cartão-postal* — 1/70  
193 *Bilhete* — sem data  
196 *Folhas soltas* — 3 a 11/1/70  
200 *Cartão-postal* — 11/1/70  
201 *Carta* — 13/1/70  
204 *Carta* — 16/1/70  
209 *Carta* — 27/1/70  
223 *Carta* — 4/2/70  
228 *Cartão-postal* — 11/2/70  
229 *Carta* — 13/2/70  
230 *Carta* — 19/2/70  
233 *Carta* — 24/2/70  
238 *Carta* — 9/3/70  
244 *Carta* — 16/3/70  
247 *Carta* — 30/3/70  
249 *Carta* — 2/4/70

- 252 *Cartão* — 7/4/70  
253 *Carta* — 9/4/70  
255 *Bilhete* — 13/4/70  
256 *Carta* — 16/4/70  
260 *Carta* — 24/4/70  
262 *Carta* — 24/4/70  
264 *Cartão-postal* — 29/5/70  
265 *Carta* — 20/6/70  
267 *Cartão-postal* — 1 ou 5/7/70  
268 *Cartas* — 2-3/8/70  
273 *Carta* — 13/8/70  
276 *Carta* — 3/9/70  
278 *Carta* — 9/70  
283 *Carta* — 17/10/70  
290 *Carta* — 20/11/70  
292 *Carta* — 21/11/70  
296 *Carta* — 2/12/70  
299 *Carta* — 6/12/70  
302 *Bilhete* — 9/12/70  
303 *Carta* — 20/12/70  
307 *Carta* — c. 21/12/70  
311 *Bilhete* — 31/12/70  
312 *Carta* — 5/1/71  
315 *Cartinhas* — 6/1/71  
319 *Carta* — 15/1/71  
323 *Carta* — 15/3/71  
329 *Carta* — 5/71

337 **cronologia**

343 **créditos das imagens**





*Luiz e Ana na Pedra Sonora, Rio de Janeiro, 1969.*





## nota a esta edição

As cartas reunidas neste volume percorrem o período de 1969 a 1971. No ano letivo de 1969-70, Ana Cristina Cesar estudou na Richmond County School for Girls, em Londres, com uma bolsa do programa de intercâmbio da International Christian Youth Exchange (ICYE), federação internacional de intercâmbios ligada à Igreja.

Em 1969, Luiz Ramalho — o destinatário das cartas — foi para a Alemanha como exilado político. Ele vive em Berlim até hoje.

A versão datiloscrita desse material foi entregue por Luiz Ramalho ao acervo da Ana Cristina Cesar, no Instituto Moreira Salles, em 2017. No fim de 2021, ele cedeu as cartas originais, guardadas com extremo zelo, ao acervo. Infelizmente, as cartas escritas por ele para Ana não foram encontradas.

A Companhia das Letras agradece enormemente ao Luiz Ramalho, ao Flavio Lenz, ao Luis Felipe Cesar, à Rachel Valença e a toda equipe de Literatura do Instituto Moreira Salles por tornarem este livro possível. Os agradecimentos se estendem ao Armando Freitas Filho, à Heloisa Buarque de Hollanda e à Elvia Bezerra.



*Luiz em Aachen, Alemanha, setembro de 1969.*

## destinatário: luiz

*Luiz Augusto*

As cartas de Ana Cristina endereçadas a mim, chegavam assim mesmo, sem sobrenome, à Mechtildi Str 24, na pacata cidade alemã de Aachen, na fronteira com a Bélgica e a Holanda, conhecida pela sua famosa catedral que guarda os restos mortais de Carlos Magno. Foi meu destino depois de uma viagem com Ana do Rio de Janeiro para os Estados Unidos e de lá para a Holanda, onde nos separamos, ela rumo à Inglaterra, eu à Alemanha. Participávamos de um programa de intercâmbio da Igreja evangélica, o International Christian Youth Exchange, com duração de um ano e que, para mim, terminou numa estadia permanente na Europa, exilado aos dezoito anos de idade. Esta história, que se reflete nas cartas, revelarei a seguir.

Onde ficaram estas cartas por tantos anos? Guardei sempre com muito cuidado as que recebi. Passaram anos entre meus papéis pessoais e no porão da casa de amigos nos períodos em que estive trabalhando na África, no Pacífico Sul (Port Moresby, Papua-Nova Guiné), no México e em outros lugares do mundo. No fim dos anos 1980, pedi a um jornalista carioca que estava em Berlim à procura de emprego que datilografasse as cartas. Na ocasião da minha participação na Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Eco-92 no Rio de Janeiro, procurei Maria Luiza, mãe de Ana, e entreguei a versão datilografada das cartas. Muitos anos mais tarde, 2012 ou 2013, visitei Flavio, irmão de Ana, na sua casa-jardim em Santa Teresa, no Rio, coloquei aquele volumoso maço de papel na sua mesa ao ar livre e expliquei: são

cartas de Ana. Pedi que procurasse minha correspondência com Ana, que, afinal, nunca se encontrou.

Na verdade, não sabia o que fazer com as cartas. E o pior: não conseguia lê-las. Elas me apavoravam, receava ser tragado para um poço sem fundo de memórias dolorosas. Resolvi consultar amigos num momento em que comecei a sonhar com Ana no início da pandemia, em março e abril de 2020. Sonho recorrente: ela, uma senhora que aparecia em uma roda de amigos, e eu questionando o porquê de ela ter se retirado, desaparecido da vida. Ela, recatada, dizia: assim foi melhor para todos.

Entreguei as cartas para Flavio Wolf de Aguiar, professor aposentado de literatura da USP, escritor, jornalista e poeta contemporâneo de Ana, e sua esposa, Zinka Ziebell, professora de literatura e língua portuguesa no Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Livre de Berlim e grande admiradora de Ana. Meu simples pedido: leiam as cartas e me digam o que pensam que devo fazer com elas. Conselho deles: publicá-las.

Os acasos da vida: Flavio Lenz Cesar, irmão de Ana e meu amigo de infância, se casou com uma amiga minha alemã, a Friederike Strack, e veio morar em Berlim. A ele também novamente entreguei as cartas e pedi seu conselho. Flavio logo tomou a iniciativa de contactar a Companhia das Letras, e a decisão estava tomada: sim, publicá-las.

As cartas são a extensão de uma intensa paixão, um fascínio mútuo que se aprofundou na segunda metade de 1968 e seguiu até nossa partida, em agosto de 1969.

Foi um caso de amor pré-anunciado. Quando éramos crianças nos reconhecíamos. Eu ouvia de Ana que, como eu, escrevia poesia. Na juventude, nossa confluência e vivência em Pedra Sonora — lugar de encontro de nossas famílias, frequentemente mencionado nas cartas — criaram o espaço mágico para nossa paixão.

Devorávamos literatura, cinema, música. Queríamos desafiar tudo, ter sempre ousadia e intrepidez. O namoro foi uma intensa disputa entre nós por essa radicalidade. E nos transformou em cúmplices depois de eu convalescer, entre agosto e setembro de 1968, de um ferimento a bala. Explico.

Em 21 de junho de 1968, dia que ficou na história política brasileira como a Sexta-feira Sangrenta, fui baleado em frente ao prédio da embaixada americana no Rio de Janeiro. Fui um dos primeiros a cair. Trinta pessoas foram mortas a tiros, foram centenas de feridos e mais de mil presos. Três policiais militares miraram e atiraram em mim, mas felizmente só me acertaram uma vez. Consegui rastejar até a entrada de um prédio e fui socorrido por jornalistas do *Jornal do Brasil* e, posteriormente, retirado do centro da cidade e trasladado para o Hospital Miguel Couto, no Leblon. Golpe de sorte: meu tio Jair Pereira Ramalho era o diretor da ortopedia, e uma equipe de médicos me operou por horas logo em seguida. Salvaram-me a perna esquerda. Passei meses em recuperação, tive de prestar declarações ao Dops, e, depois de um agressivo interrogatório em que tentaram me usar como testemunha contra Vladimir Palmeira, líder estudantil da passeata, me mandaram para casa. Estava com dezesseis anos.

Poucos dias depois da Sexta-feira Sangrenta, a última aparição pública da oposição: a Passeata dos Cem Mil — também no Rio de Janeiro — reuniu não só estudantes, mas também progressistas das áreas de música, arte, cinema, ciência, sindicatos, igrejas. Eu não estava lá, tinha acabado de sair da UTI.

O resto é memória da ditadura: proibição de manifestações, censura, prisões, torturas e repressão. E começava a resistência armada. A oposição passou à clandestinidade, fugiu para o exterior ou desapareceu nas câmaras de tortura dos militares. Muitos dos meus colegas do Colégio Pedro II, assim como colegas de Ana do Colégio de Aplicação, também se foram, desapareceram.

Os anos de chumbo no Brasil tomaram forma em 1968 com o AI-5 e o fechamento do Congresso Nacional. Este 1968 brasileiro nos formou e reforçou nossa opção por ousadia extrema e criatividade, reprimidas, sim, na política, mas vibrantes na cultura, no cinema, no teatro, na música. A sincronicidade com os acontecimentos na Europa, nos Estados Unidos, no Japão, no México e na então Tchecoslováquia reforçou a ideia de sairmos, nós dois, temporariamente, do Brasil.

Continuávamos nos desafiando na poesia, na literatura, compartilhando leituras, curiosidade insaciável por algo novo e diferente que sairia de nós. No Rio gastávamos nossa grana nesses meses de 1968-69, antes da nossa partida, frequentando o Museu da Imagem e do Som, o cinema Paissandu com duas ou três sessões de filmes da Nouvelle Vague e outros, apaixonados por Belmondo no *Pierrot Le Fou*, de Godard, eu mais ainda por Jean Seberg, que tanto parecia com Ana no primeiro filme de Godard, *À bout de souffle*. Fazíamos cursos no Museu de Arte Moderna, na Escola Nacional de Música.

Também me recorro do Monsieur Cox, professor de literatura na Aliança Francesa de Copacabana, que caçoava de nós: “São os únicos namorados que conheço que, em vez de irem à praia num sábado de manhã, vêm ler comigo o *Bourgeois Gentilhomme*, de Molière”.

Vivíamos e continuamos a viver nas cartas uma “vida poética”, num “état poétique”, segundo a expressão de Edgar Morin, no seu *Lições de um século de vida*\* Fatos e emoções do cotidiano ou do extraordinário eram observados e filtrados pela poesia e seriam reproduzidos em nossas cartas a vir.

\* “O que chamo de estado poético é o estado emocional diante daquilo que nos parece belo e/ou deleitável, não só na arte, mas também no mundo e nas experiências da vida, em nossos encontros.” Edgar Morin, *Lições de um século de vida*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. Trad. Ivone Benedetti.

A ideia de viajarmos para a Europa amadureceu, ela fascinada pela Inglaterra das irmãs Brontë, eu pretendendo ler Freud, Brecht e Marx no original alemão e me encontrar com os rebeldes estudantes do SDS, Sozialistischer Deutscher Studentenbund. Havia começado a aprender alemão no Instituto Cultural Brasil Alemanha, ICBA, o Goethe Institut, outro lugar para respirar cultura e liberdade nos obscuros meses depois do A1-5. Contribuíram para nossa decisão as ameaças de repressão que atingiam nossas famílias e que me aterrorizavam. Meu destempero acabaria me levando também à clandestinidade se ficasse no Brasil.

Decidimos sair por um ano. Mas no meu caso não foi o que aconteceu. Era o começo de um exílio. A repressão da ditadura acabou me encontrando em Aachen.

Em 4 de setembro de 1969, eu acabava de chegar na Alemanha, o embaixador americano no Brasil foi sequestrado pelo Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8) e pela Aliança Libertadora Nacional (ALN, o grupo de Marighela). Um manifesto foi lido nos meios de comunicação brasileiros e, também, publicado na imprensa alemã. Em outubro, fui convidado pela Evangelische Gesellschaft, uma associação de leigos comprometidos da Igreja protestante, a falar sobre o Brasil. Para surpresa dos anfitriões, eu, estudante intercambista de dezessete anos, fiz na minha exposição uma denúncia contra a ditadura no Brasil, contra tortura, contra repressão política, e li parte do manifesto do MR-8 e da ALN. A palestra saía bem diferente do que o público esperava e acabou noticiada num dos jornais locais, o *Aachener Nachrichten*. Herbert Pavel, dono de uma fábrica de ferragens, a Nagelfabrik, em Aachen, com uma filial em Juiz de Fora, no Brasil, notificou à embaixada do Brasil em Bonn a presença de um esquerdista radical em Aachen. Este senhor era membro da Deutsch-brasilianische Gesellschaft, uma associação de empresários alemães com interesses econômicos no Brasil e que recebia subsídios da

embaixada do Brasil em Bonn para defender a ditadura militar na Alemanha e influenciar a opinião pública. A ditadura reclamava dos “maus brasileiros” no exterior que sujavam a imagem do Brasil. Com ajuda dos industriais alemães da Sociedade Teuto-Brasileira, principalmente seu presidente Hermann Görings, haviam encontrado em mim um desses brasileiros.

Tal lobista da ditadura representava a ponta de lança dos interesses das empresas alemãs no Brasil, mais do que satisfeitas com o rumo político brasileiro. Fui chamado ao consulado geral do Brasil em Düsseldorf, meu passaporte foi confiscado. O cônsul-geral, um democrata, me aconselhou a desaparecer. Em frente a um pastor e um deputado do parlamento alemão que me acompanharam em uma audiência no consulado, disse que, se voltasse ao Brasil, “seria sacrificado”.

Assim, a política do Brasil continuava influenciando nossas vidas.

Nas cartas, também mencionávamos a viagem de meu pai, Jether Pereira Ramalho, e minha mãe, Lucília Garcia Pereira Ramalho, aos Estados Unidos, em janeiro de 1970. Levavam documentos demonstrando as torturas no Brasil, entregues ao senador Frank Church, contribuindo para abrir uma frente de solidariedade com os perseguidos do Brasil nos Estados Unidos.

Ana e eu nos reencontramos pessoalmente em junho de 1970 em Aachen. As regras do programa de intercâmbio impossibilitaram nossa ideia de viajar juntos pela Europa no Natal e Ano-Novo de 1969 a 1970 pela Europa.

O encontro em Aachen não foi apenas feliz. Não conseguimos traduzir o ânimo, o espírito das cartas. Não nos reconhecemos. Pairava sobre nós a violência da despedida, da interrupção de nossos planos. Fomos, porém, cuidadosos e cautelosos. Tentamos festejar a vida. Lembro-me bem de três dias em junho de 1970 que passamos juntos num festival de rock, imodestamente

chamado de Woodstock da Alemanha, com apresentações de Pink Floyd, Deep Purple, Jethro Tull e outras bandas de rock da época. Juntos e distantes ao mesmo tempo.

Ana se foi pela Europa; eu, sem passaporte, fiquei. Fiquei na Alemanha sem perspectivas, sem papéis, sem grana, sonhos de voltar ao Brasil adiados. Continuamos nos escrevendo. Perdemos a graça e o verso. Afastei-me dela. À minha última mensagem, a de despedida e rompimento, respondeu vaga e evasiva. O namoro acabou, ficaram as cartas.

Anos depois, voltei ao Brasil semiclandestinamente, mas sem perspectiva de permanecer. Uma história complicada, típica daquela época, que envolveu, entre outras coisas, suborno da Polícia Federal para entrar e, principalmente, para obter o “visto de saída”, que a ditadura exigia de quem viajasse para o exterior. Eu havia me resignado a ficar na Alemanha e começava a estudar filosofia e sociologia em Frankfurt, atraído pela Frankfurter Schule, a Escola de Frankfurt, e fui aluno de Jürgen Habermas por alguns semestres.

Encontrei Ana nesses primeiros anos da década de 1970 avoadada, perdida, seguida sempre por um séquito de admiradoras e admiradores, apaixonadas e apaixonados. Voltei mais uma vez, já no fim dos anos 1970. Não nos reconhecíamos mais. Tive a impressão de que esses encontros a incomodavam. Perdemos os termos comuns, o trato.

Soube do seu suicídio e senti a dor e o desespero dela. Percebo hoje a presença da angústia até em suas cartas de amor.

A Ana que voltou aos meus sonhos de março de 2020, a recatada senhora, se explicava, precisava se retirar, queria viver com serenidade, e por isso se recolhera. Voltava a algum lugar mágico, a Pedra Sonora da nossa juventude. E a imaginei na solidão, se retirando ao estado poético que conhecemos. É tempo de reler as cartas.

Ana foi se revelando a grande poeta que era. Minha mãe, que amava todas as pessoas do mundo, porém algumas em especial, sempre me enviava recortes de jornal com matérias sobre ela. Num caderno cheio de anotações de leitura, com clássicos da sociologia e muitos textos de Marx, encontrei um poema meu que lembrava nossa correspondência. Pelas notas, eu deveria estar iniciando meu contrato de professor assistente no Institut für Soziologie da Universidade Livre de Berlim — datadas, portanto, de 1977 ou 1978. Ali se refletem os rumos e caminhos diferentes que Ana e eu iríamos tomar, ela pela poesia e eu fugindo dela, da poesia, e seguindo uma carreira acadêmica. Eis o poema:

Ana Cristina poeta  
Folheando jornais brasileiros  
Descobri o que já sabia  
As coisas de poeta que me tinha dito  
E redito em tempo devido  
Me assustei obviamente  
Pois se eu não ardia de paixões tocantes  
(que nos deram dores de cabeça) por você?  
Faz tempo que eu mesmo  
Não me envergonho de escrever  
As tolices que nos estonteavam  
Via aérea uns aos outros  
Sem pontuação como sempre  
Perdi o hábito e com ele a batina  
Virei “corações perdidos”  
Tristeza de sambas tristes  
Me engasguei e iniciei pensamentos  
Extremamente concretos  
Pensei por exemplo em escrever uma carta  
Em italiano e no nosso primeiro

Beijo cada vez mais trêmulos  
E os pulos de alegria e os soluços  
Que mais dizer?  
Há na poesia um ar imperdoável de solenidade  
Não quero nada disso  
nem fim do mundo  
Embalado e eu — belo belo — olhando tudo da sombra  
Folheando este jornal onde você é  
Poeta  
Deixar a vida correr e não virar  
O monstro da bela e a fera.  
Às vezes a razão dói

*Berlim,  
setembro de 2021*

## para todos nós

*Flavio Lenz e Luis Felipe Cesar*

Quando a obra perdeu a autora, não a autoria, dela passaram a cuidar Maria Luiza e Waldo, pais de Ana C., e nossos também. Acompanhados pelo afeto e pela curadoria de Armando Freitas Filho — escolhido por ordem expressa da Ana, para que ficassem com o poeta e amigo quatro caixas de papelão (das quais vieram os *Inéditos e dispersos*, por ele organizados) —, o casal esteve sempre disponível e proativo para documentários, teses e dissertações, traduções, reedições ou publicação de inéditos da filha. Dentre eles, alguns que transcenderam também os pais: *Antigos e soltos*, organizado por Viviana Bosi, a “visita à oficina”, de Mariano Marovatto, em *Poética*, e algumas imagens da *Fotobiografia*, por Eucanaã Ferraz.

Esse processo nunca foi menos do que complexo para todos, e em especial para nossos pais. Estar diante da presença apenas literária da filha — e Maria Luiza chegou a confrontar versões e datilografar manuscritos — trazia tanto vida e potência como saudades, tristeza, melancolia. A obra publicada, contudo, valia todo esforço e dedicação, e garantia, como garante, a permanência de Ana em prosa e poesia. Da mesma forma, a doação do seu acervo ao Instituto Moreira Salles permitiu e vem criando inúmeras possibilidades de se chegar à poeta, seja em pesquisa literária ou biográfica, seja para publicações ou outros projetos.

Com a morte prematura de nossa mãe, em 1997, Waldo continuou a manter viva a obra, sempre na companhia de Armando e por vezes de Heloisa Buarque de Hollanda, como em *Corres-*

*pondência incompleta*, de 1999, organizada pelos dois. E nós, os filhos, passamos a estar mais presentes como interlocutores nesses processos.

A partir da ausência definitiva de nosso pai, em 2007, coube a nós — com o curador amigo — cuidar da permanência de nossa irmã. E entre um sem-número de movimentações literárias, acadêmicas, teatrais, musicais, expográficas e cinematográficas, surgiram estas cartas de amor.

Nos anos 1960, uns tantos pré e adolescentes encontravam-se com frequência num sítio adquirido por seus pais no vale da Serriinha do Alambari, onde se destaca a Pedra Sonora, em Resende (RJ).

Contava nosso pai que o sítio foi idealizado quando panelas e outros materiais de acampamento soltaram-se da sua mochila e rolaram pelo chão da Central do Brasil, no Rio. Era início dos anos 1950.

A partir daí a busca por um local fixo para acampamentos de jovens evangélicos resultou na área de 36 mil metros quadrados, adquirida pela Confederação Evangélica do Brasil (CEB), por meio do Departamento de Mocidade, que tinha como secretário-executivo o resendense Waldo Cesar, posteriormente dirigindo o Setor de Responsabilidade Social da mesma organização.

Os primeiros tijolos do espaçoso chalé que seria construído em seguida foram resultado de um acampamento de trabalho no verão de 1955, reunindo trinta jovens do Brasil e de outros doze países. A iniciativa era norteada por uma perspectiva ecumênica e de compromisso com a sociedade, para além do assistencialismo junto aos pobres, com a ambição de contribuir na formação de lideranças capazes de organizar atividades similares em seus países de origem. Nascia o Rancho Alto.

Em virtude de mudanças institucionais e políticas naquela organização evangélica, a sede construída a tantas mãos foi colocada à venda e adquirida em condomínio por um grupo de amigos,

incluindo diversos daqueles jovens coordenadores dos Acampamentos Pedra Sonora — entre eles Jether Ramalho, também um ativo dirigente na CEB, e Waldo Cesar. Pais de Luiz e de Ana.

As décadas seguintes foram marcadas pelos finais de semana, feriados e férias em que essas famílias trocavam o Rio de Janeiro por aquele mundo densamente povoado da mais completa quietude e lonjura, mas onde tudo se multiplicava. Pais, mães, irmãs, irmãos, espaço, tempo, trilhas, campos, árvores e noites estreladas substituíam as rotinas urbanas de casa-escola-trabalho, apertadas entre calçadas, lâmpadas e apartamentos.

E assim crescemos, sempre esperando o dia de ir para Pedra Sonora e lá encontrar não apenas a espaçosa natureza, mas também aquela constelação de famílias, amizades e amores — possíveis e impossíveis.

Um desses foi entre Ana e Luiz.

## **contracultura e ditadura**

Crescidos e educados por cristãos progressistas, Luiz, Ana e tantos de nós vivíamos a juventude num contrastante e complexo período. A contracultura no contexto da Guerra Fria, com a revolução sexual, as drogas e o rock, os movimentos hippie, estudantil e por direitos civis de negros e homossexuais, a segunda onda do feminismo, as mobilizações antiguerra e antinuclear, a Nouvelle Vague e o neorrealismo, além da independência de ex-colônias na África e da Revolução Cubana, e até o Concílio Vaticano II, tudo isso chegava até nós, que os vivíamos e experimentávamos, enquanto por aqui a ditadura instaurada pelo Golpe de 1964 se radicalizava. Cassações de mandatos parlamentares, bipartidarismo, a repressão ao movimento estudantil e a censura, a Lei de Segurança Nacional a perseguir os “inimigos internos”, com

prisões, torturas e execuções por agentes do Estado, e do outro lado a resistência, a clandestinidade e a luta armada — esse caldeirão ardia junto de nós.

Nosso pai chegou a ser preso e a ficar incomunicável por uma semana em 1967, entre outros “motivos” por dirigir a revista ecumênica de esquerda *Paz e Terra* — em 1968, escapou de uma segunda prisão refugiando-se no sítio da Pedra Sonora —, e pessoas próximas tiveram sorte muito pior. Jether Ramalho, voz combativa durante a ditadura militar, conseguiu levar aos Estados Unidos documentos com relatos de torturas contra prisioneiros políticos brasileiros, que originaram um dossiê amplamente distribuído naquele país.

Ana e Luiz viveram intensamente esse período, que mudou suas vidas e as de tantos de nós.

Em algumas cartas reunidas neste livro, ela menciona acontecimentos no Brasil, como nessas duas em novembro de 1969: “Aqui no *Catholic Herald* saiu que freiras estão sendo torturadas, com nomes” (30/11/1969); e num trecho todo em maiúsculas: “A ÚLTIMA NOTÍCIA QUE O DIA TROUXE FOI O ASSASSINATO DO MARIGHELLA SEM DETALHES” (14/11/1969).

Ao mesmo tempo ela goza das liberdades e possibilidades que lhe dá a Inglaterra: “vou daqui direto para Londres para ver o *Hair* [...]. Comprei um livrinho com a semana de espetáculos em Londres, é uma loucura” (10/10/1969).

E na mesma carta faz uma viagem erótico-romântica à distante Serrinha do Alambari: “Que vontade de te ter numa pedra do rio de Pedra Sonora, num sol num calor você irresistível no teu calção azul e preto, ah, eu sou maluca por você no teu calção azul e preto e de qualquer jeito também. [...] Um dia nós estamos de novo em Pedra Sonora”.

Pois era mesmo um espaço de liberdade e confiança, não só de respirar fundo o ar da montanha, mas de poder ouvir de nossos

pais o que cada um conseguira saber daqueles tempos sombrios, de trocar ideias, projetos e afagos da vida. Com uma certa rotina.

De manhã jogávamos partidas mistas de vôlei, anunciadas pela poderosa voz do Jether — “Olha o vôlei!” — e tomávamos banho de rio, estes ao sabor das caipirinhas do Waldo e de petiscos. O almoço no salão do chalé juntava dez, quinze, vinte pessoas, entre pais, filhos, por vezes amigos, com destaque para a mão cheia de Lucília, mãe de Luiz, quando era sua vez no rodízio culinário.

À tarde a gente se dispersava, alguns liam, outros dormitavam, exploravam os arredores, percorrendo trilhas e as estradas de terra, subindo e descendo o rio pelas pedras, tocando a Pedra Sonora. Podia até rolar a bola num futebol masculino — e por um tempo tivemos Romanço a puxar crianças e alguns marmanjos numa charrete. Piscina de novo, se calor. E antes ou depois do lanche disputávamos partidas de pingue-pongue, em que Maria Luiza, nossa mãe, era fera, além de jogarmos xadrez, buraco, truco e War. Tudo, durante muitos anos, à luz de lampiões, acendidos num quase ritual criado por Waldo, já que por muito tempo não houve eletricidade.

E afinal nossos pais se recolhiam aos seus chalezinhos e nos deixavam, jovens e crianças, no casarão de dois quartos e muitos treliches, um quarto para cada gênero — que, naquela época, só imaginávamos dois. Nas varandas, na rede, numa escapulida noturna à luz do luar, a noite seguia. Era duro ser acordado para aquelas partidas de vôlei! E afinal valia a divertida disputa.

Mas não era só em Pedra Sonora que Luiz, seus dois irmãos e uma irmã, Ana e nós dois, e demais queridos e queridas da turma do Rancho Alto, além dos amigos de cada um, nos movíamos, ou namorávamos, já que houve outros enlaces. Apesar da ditadura, a efervescência dos anos 1960 num Rio ainda com tônus de capital nos brindava com o Cinema Novo, a Tropicália e os festivais da

canção (ora cariocas ora paulistanos), o Teatro do Oprimido e do grupo Opinião, a leitura do *Pasquim* e o vanguardismo de Leila Diniz, os encontros na praia e também na igreja progressista que nossas famílias frequentavam. Íamos ao vão do Museu de Arte Moderna (MAM) e ao Museu da Imagem e do Som (MIS), éramos, ou tentávamos ser, os mais jovens, a geração Paissandu — do cinema e de quem pretendia ousar em arte, política e comportamento. Geração que a sexta-feira 13 de dezembro de 1968 viu ser fortemente atacada, com a decretação do mais terrível ato da ditadura, o AI-5, que impôs ainda mais medo e terror.

No ano seguinte, Luiz e Ana rumaram para um ano de intercâmbio na Europa (ele para a Alemanha, ela para a Inglaterra), uma prática da classe média progressista com seus filhos, mas que naquele período ganhou outros sentidos. E Luiz, que havia sido baleado na Sexta-feira Sangrenta em junho de 1968, lá fez sua vida, enquanto Ana voltou ao Brasil e também seguiu a sua, encerrada tão cedo, em 1983.

## **reencontros**

Quase cinquenta anos depois, um de nós, Flavio, agora vivendo em Berlim, por amor, reencontrou Luiz. Com os antigos laços revigorados, Luiz revelou a existência das cartas trocadas com Ana e que pensava por vezes em publicá-las. Num encontro no Rio, ofereceu as cópias datilografadas que providenciara décadas antes. A primeira leitura mostrou-se difícil, por constrangimento do irmão. Foi preciso mais tempo e uma nova entrega, de volta a Berlim, para a leitura avançar, enquanto Luiz também tratava da sua. No meio-tempo, buscamos no Brasil as cartas que ele enviara a Ana, e que poderiam dar outro rumo ao projeto, mas elas nunca foram encontradas.